



Notas da Redacção:

Recebemos várias mensagens de elementos da nossa família que gostaram de ler mais uma Gazeta d'Orey e nos incitaram a continuar. Faremos o que nos for possível. Para além da Bedina Cabral, o José Luiz d'Orey, o José Paulo Assunção, o Rui Soares Franco, e do Rodrigo d'Orey recebemos dos primos do Porto (Ruy, Marta e Tucha) mensagens muito carinhosas recordando o Gonçalo e do tempo que este nosso primo ali viveu. Resultado que já estava a ser "semeado"... : Iremos ter uma nova Gazeta d'Orey sobre os descendentes de Ruy José Achiles de Albuquerque d'Orey e de Maria da Conceição de Sá Sottomayor Pizarro! Não se esqueçam que a próxima é sobre José Diogo Sampayo d'Orey (o tio Zé Linhas).

*Na quinta, vivemos nós 15 irmãos,
Vasco, Isabel, Guilherme, Maria
Elvira, Luíza, Gonçalo, José Luiz,
Lélinha, Bernardo, Salvador,
Maria João, Cecília, Maria Inez,
João Manuel e Lourenço,
uma infância e uma juventude plena, simples e feliz.
Aos Pais o devemos e agradecemos o
amor que nos dedicaram.*



Vasco e Manuela com a filha Luíza, no dia da 1ª Comunhão.

A NOSSA QUINTA, PARA NÓS, ERA A MAIS BONITA DE TODAS

por Isabel Maria da Conceição Albuquerque d'Orey Juzarte Rolo



Casamento de Isabel e Adolfo na Quinta de S. Miguel das Encostas.

Respirava-se nela Paz, Amor e Felicidade.

Em documentos muito antigos vem mencionada como sendo uma casa de lavoura importante pelo que havia vacaria, celeiro, palheiro, adega, etc, etc., casa de caseiro e até uma Capela, que estava então transformada em estrumeira! Claro que os Pais, logo que o descobriram restituíram-na ao culto e nela se celebraram muitas cerimónias.

A Quinta ficava num extremo da aldeia de Sassoeiros, ela própria num alto. Tinha escola, padeiro que era “o Juiz da Paz”, duas mercearias com, claro, as respectivas tabernas. Havia o Filipe e o irmão que tocavam violino e entravam em corridas de bicicleta; a Francisquinha maluquinha porque “tinha enterrado um tesouro e não sabia aonde”; a peixeira e o seu Zé que de quando em vez andavam à pancada, a Carolina que trazia um carrinho de mão com fazendas e roupas para vender e mais uns, mais remediados que outros, e os pobres, que a Mãe visitava. Como não podia deixar de ser à época, havia um “maluquinho” que fora abandonado e que só sabia que era o Zé de Carcavelos. Sassoeiros adoptou-o! Sempre houve uma grande ligação entre a Quinta e a Aldeia. Quando se ouvia o carro do Sr. d'Orey no começo da rampa,

Sassoeiros sossegava. Quando os Pais foram para lá instalou-se a electricidade. Mais tarde, como o abastecimento de água se fazia dum poço que no Verão inquinava (houve mesmo uma epidemia de febre tifóide), a Quinta tornou-se a “fonte” até se inaugurar, com pompa e circunstância, o chafariz - a mana Luiza foi a madrinha!

O primeiro “arraial de Santo António” realizou-se na nossa garagem e os manos Bernardo e Zé são os sócios nº1 e nº2 do Clube Desportivo de Sassoeiros. A Mãe “reinava” neste pequeno mundo. A vida começava às 8h30 com a sineta a chamar para as orações da manhã, seguindo-se o pequeno almoço que era uma delícia no tempo dos figos...acabados de apanhar!

O Pai partia no comboio das 9h20 para o seu trabalho no escritório (Orey Antunes), nós ficávamos com as “frauleins” (educadoras de infância alemãs) e a Mãe no governo da casa. Embrenhava-se na dependência mais fascinante de todas - a dispensa - primeiro porque estava fechada à chave o que lhe dava um estatuto à parte e depois porque víamos pelos vidros da porta as tulhas do feijão, do grão, do arroz, do açúcar; a balança com os pratos de cobre a brilhar e os pesos muito alinhadinhos em cima da mesa; nas prateleiras os frascos “weck” de conserva de fruta, o pote do azeite e sei lá que mais mistérios. Por vezes a Mãe aproveitava o carro do Pai para ir a Carcavelos às compras e levava-nos. Estacionávamos à porta da mercearia do Sr. Adelino que tinha um papagaio que quando via uma inglesa, e havia muitas naquela altura, gritava “P...”. Adorávamos o grito, o susto, mas não percebíamos o significado. A Mãe era uma pedagoga fantástica. Além de nos ensinar catecismo e à aldeia toda, preocupava-se muito com a nossa instrução. Explicava-nos a Bíblia, líamos “O Alfageme de Santarém” de Almeida Garrett, o “Miguel Strogoff, o correio do Czar”, de Júlio Verne e seguíamos o seu percurso pelo mapa e muitos outros livros mesmo em francês. Aliás esta era a “língua” obrigatória ao jantar, excepto, quando o Pai chegava das suas viagens e nos contava como tinha apanhado três tareias por dar vivas ao Rei a 10 de Outubro de 1910, como, numa viagem de regresso do Brasil num barco francês, tinha rezado pausadamente com todos os outros portugueses, de joelhos, e de braços abertos o Pai Nosso ao cruzarem em pleno Atlântico com um barco de guerra alemão, muitas peripécias ou anedotas com o que delirávamos; e dos seus negócios.... A Orey Antunes

R

era a mais antiga representante da Packard na Europa e quando a Presidência da República comprou directamente os automóveis, a firma mandou-lhe a comissão; minas? Nada brilhante! Quando estudou o negócio da empresa de Pesca de Viana não se podia fazer barulho; mas depois era com vaidade que seguíamos a construção dos bacalhoeiros; quando, para acabar a construção dos Estaleiros Navais de Viana o Pai e o Sr. João Cerqueira empenharam todos os seus bens pessoais não o fez sem nos perguntar(aos filhos mais velhos): «A Mãe já deu o seu consentimento e vocês o que dizem?»

Livros havia-os sempre para ler com a Mãe ou a sós. A Mãe adorava o ténis que jogava muito bem, mas corria sempre em bicos dos pés! Ensinou-nos a jogar. Aliás a primeira estrutura desportiva a equipar a Quinta foi o ténis, depois um conjunto de aparelhos de ginástica dos quais nunca, por milagre, ninguém se despenhou (trapézio, argolas, escadas de corda, barra fixa) e por fim a patinagem. A nossa piscina “biológica” era o tanque de rega onde caímos frequentemente e para o qual os manos saltavam perigosamente do muro do moinho.

O “coração” da casa era o terraço. Nele convivíamos, jogávamos às cartas e ao “mahjong”. A Mãe costumava dizer-nos: a boa educação vê-se em três mesas – de jantar, de jogo e na da comunhão. Do terraço desciam umas escadas onde, nas noites bonitas de Verão, nos sentávamos a cantar e o Pai e o Zé Luiz a tocarem guitarra ou então a observar o céu e a reconhecer as estrelas e as constelações. De Inverno quantas vezes víamos as tempestades no mar... Os Pais não paravam de embelezar a sua Quinta e de a tornar cada vez mais agradável, mas era uma casa literalmente aberta. A porta de entrada pelo pátio estava sempre só presa por uma mola, o que quer dizer que bastava um empurrão e abria-se!

Umam amigas das manas quando iam a tocar à campainha lembraram-se que bastava empurrar a porta..e assim fizeram mas não era só neste sentido que a Quinta era “aberta”. Além dos nossos casamentos quantos mais lá se realizaram!... e primeiras comunhões e baptizados, assim como



Isabel e Guilherme



No terraço, Manuela e as paciências

jantares de negócios, festas, pic-nics, campeonatos de ténis, banhos na “piscina”... todos eram recebidos com um “bem vindo” quer da Mãe quer do Pai. E os manos! Que bonitos são, dizia eu à Mãe! Como seria o Menino Jesus? A Lélinha, a minha querida “bébé”, o Bernardo, o meu afillhado, o Zé Luiz, tão fraquinho que foi mergulhado no mosto do vinho para fortalecer, o Salvador o nosso organista, o Gui o meu fiel companheiro, o Vasco com as suas partidas e...Os acontecimentos nacionais e internacionais eram intensamente vividos. A evolução da Guerra Civil de Espanha, a conseqüente formação da Legião Portuguesa que em família, e não só, nós íamos ver desfilar na Avenida da Liberdade – sendo o Pai o “porta bandeira” – apesar das ameaças bombistas, a resistência e tomada de Toledo... Depois o começo da Segunda Grande Guerra Mundial... E ainda a contribuição dos Pais para a nossa paróquia, S. Domingos de Rana, o trabalho da Mãe na Casa do Trabalho para raparigas. Quantas coisas ficam por dizer! Natais, peregrinações a Fátima, teatros, passeios a pé, viagens, etc., etc.



Os cinco irmãos mais velhos

Responsabilidade, pensar e respeitar o “outro” fosse ele quem fosse, educação, civismo e Fé foram o nosso legado da Quinta dos Pais. E num dia 1 de Novembro, dia dos anos do Pai, despedimo-nos com a nossa Mãe da Quinta com uma última Missa de Acção de Graças. FOMOS TODOS TÃO FELIZES!

O PAI E A QUINTA

por Bernardo de Albuquerque d'Orey

Tanto o Pai como a Mãe tinham um sentido de beleza, de harmonia e de estética, invulgares.

Depois de terem comprado a Quinta havia que, em primeiro lugar torná-la num lugar aprazível, onde fosse interessante viver. Com a ajuda do Arquitecto Rebelo de Andrade fizeram uma remodelação completa da casa, deram-lhe uma volta de alto a baixo. As coisas não ficaram no entanto por aqui. Descobriu-se que a casa tinha tido uma Capela, logo portanto haveria que resguardar esse local que, para os Pais era de maior importância. Recuperada a capela, tínhamos o Santíssimo Sacramento, o que permitia aos Pais convocarem-nos diariamente para rezarmos o terço. Quer a Mãe quer o Pai eram verdadeiramente cristãos. A Mãe disse-me um dia que das coisas que mais gostava da missa era quando o padre nos mandava cumprimentar os irmãos. Essa irmandade que os nossos Pais sempre tiveram na sua vida, a Fé em Deus estendida aos homens da terra, ricos ou pobres.

No Natal ou no Ano Novo o Pai, a Mãe e alguns de nós, íamos cumprimentar o Senhor Cardeal Patriarca e outras pessoas, manifestando assim a estima que lhes dispensávamos. Era feito com prazer.

Durante a Guerra, quer em Lisboa quer na Quinta o Pai e a Mãe iam connosco à missa, dando esse exemplo a todos nós e também aos outros. Em Sassoeiros íamos todos a pé para a missa durante a guerra, subíamos a estrada de S. Domingos de Rana muitas vezes a cantar, outras, em animada conversa.

Voltando à Quinta, algum tempo depois contrataram o Bazalza para fazer os frescos na casa e na Capela, com novas remodelações. Estendeu-se a capela para o local da vacaria fazendo uma escada no local do antigo coro. Para aceder ao andar de baixo havia uma outra escada que foi transformada numa sala de passagem. A sala de engomar, onde brincávamos e chorávamos quando vinha o barbeiro para nos cortar o cabelo passou a ser o escritório de Pai, com acesso directo à capela.

O Pai tinha comprado em Viana do Castelo uma talha de uma igreja demolida que compôs na Capela a seu jeito fazendo ele mesmo o arranjo da talha do tecto que cobre o Altar. Lembro-me de, em miúdo, ajudar o Pai a fazer esse trabalho. Para o resto da Capela já o Pai contou com o auxílio do Manuel, carpinteiro da Themudo (antiquária).

A Sr^a Themudo era fornecedora habitual do Pai, aliás como também o António Costa, ambos na Rua do Alecrim, onde foram adquiridas várias peças para



José Luiz e Bernardo participando numa procissão

as nossas duas casas. Já eu estava na Universidade quando o Pai decidiu mudar o jardim. Fez uma remodelação total que o tornou muito bonito, para não dizer lindo.

Mas se o Pai ligava muito à casa da Quinta, ligou também à casa de Lisboa que herdou após a morte da Avó Elvira.

Era ideia do Pai que a terra poderia ser um recurso para alturas de crise para a sobrevivência da família. Assim sendo, comprou a Terra das Bruxas e um terreno acima, eu tinha uns 10 anos. O Pai gostava imenso das suas colheitas, media as sementes que cada cultura dava, etc.

Esse interesse que o Pai me passou, fez despertar em mim o desejo da compra de novos terrenos e com 12/13 anos, com autorização do Pai alargou-se a quinta comprando terras, vacas e bois para lavar as terras. O Fernando boieiro dizia, que ao comprar os bois, o Pai o tinha comprado a ele (sentimento engraçado). Mais tarde ficou caseiro da Quinta.

Na compras destas novas terras, tive alguma influência, mas uma vez comprei as terras do António leiteiro. O Pai tinha-me fixado um preço x e eu comprei por um preço $x+y$. Acho que o Pai gostou do negócio

R

mas como não admitia que eu fizesse despesas para além das autorizadas, ralhou comigo. Fiquei zangado porque com a terra tinha ficado com uma vaca, dois porcos e sei lá mais o quê. Disse nessa altura ao Pai que iria á feira de Sintra vender os animais. Assim o fiz na primeira oportunidade de feira com o Fernando, levando o gado que havia comprado com a dita terra. Entreguei o produto da venda ao Pai que era alguma coisa mais que o tal y, pelo qual apanhei o ralhete. Achei muito. Pelo menos para a minha idade, era. O Pai voltou a repetir-me que tinha autorizado a gastar x e que só isso podia gastar. Era assim que o Pai nos educava. Nessas terras o Pai fez a vacaria onde tinha umas vinte vacas. Vendia leite a uma cooperativa. Alguém deu ao pai um touro, o “Azeitão” que o Pai mostrava aos amigos porque era um “tourino” lindo, segundo ele.

Eu era o companheiro do Pai para as compras de gado na Malveira, com o Fernando boieiro a apoiarnos.



Vasco e Manuela a inspecionarem as culturas

NA QUINTA

por José Luiz de Albuquerque d'Orey

Durante o Inverno íamos muitas vezes para a quinta nos fins de semana, mas era durante as férias de Verão que a vida se animava. Tínhamos praia, ténis, piscina (era o tanque de regas do pomar) e patinagem. Esta, muitas vezes transformava-se em eira para bater o milho.

Tínhamos os amigos de sempre - os Cabrais da Quinta do Barão, os Belmontes da Quinta d'Alagoa, os Menezes da Quinta de Rana. Estes, eram os residentes dali perto, os parceiros para todos os jogos. A eles se juntavam os Ribeiro Ferreira, os Asseca, os Nigras, que durante o mês de Agosto alugavam uns quartos no Colégio Inglês (fechava durante o Verão). Com toda esta gente havia sempre parceiros para todos os jogos.

Na altura, na praia de Carcavelos não haveriam mais que 20 barracas em toda aquela extensão. As dos ingleses, perto do Forte de S. Julião da Barra, as outras a meio da praia. As nossas barracas ficavam sempre juntas. A animação era sempre grande.

O único banheiro era o Sr. Jacinto que, depois das barracas montadas, ia para o mar na sua chata vigiar os banhistas. Os banhos eram óptimos e a especialidade eram a carreirinhas e com umas pranchas de madeira ou de cortiça aproveitando as cristas das ondas, fazia o “surf” possível!

À tarde era o ténis na Quinta da Alagoa, na nossa Quinta ou na Quinta do Barão. A deslocação era simples - todos tínhamos bicicletas.

Depois do ténis, à hora do lanche comiam-se umas “sandocas” de pão com queijo, acompanhadas dum capilé que era somente água, café e açúcar. Às vezes havia gasosas ou pirolitos. Os pirolitos vinham em pequenas garrafas e a rolha era um berlinde de vidro, onde se carregava para abrir, ele descia e ouvia-se um “psss” do gás a saír!

Depois de uma boa partida íamos tomar banho no tanque. Pedíamos ao caseiro, o Sr. Inácio que adiasse umas regas para que o tanque tivesse bastante água - se possível até à borda.

Fazíamos campeonatos, sendo os parceiros quase sempre os mesmos. Da Lélinha, o Nuno Belmonte e a minha parceira era a Gena.

Uma vez o Zé Francisco Sabrosa foi a correr para o tanque e sem olhar para a água atirou-se de cabeça...! O tanque estava com pouca água. Bateu com a cabeça no fundo, fez uma ferida e ficou um bocado tonto, mas por pouco tempo.

No tanque faziam-se, ou tentava-se fazer, algumas



O tanque...

habilidades, como saltar de cabeça a partir das vigas de ferro que seguravam as trepadeiras. O Vasco Manuel que era sempre o destemido, atirava-se do cimo da casa do moinho, quase roçava na bica de pedra de onde a água corria mas... não houve acidentes!

Em frente de casa, no terreiro, era onde brincávamos desde miúdos e havia um quadro de ginástica completo, com escada, baloiço, barra corda etc. Pendurávamo-nos, subíamos à corda na barra, pendurávamo-nos de cabeça para baixo presos nas pernas dobradas, etc. Não houve acidentes. Às vezes estimulados pelo Vasco subíamos os degraus de ferro do moinho de vento do jardim. Tínhamos de provar ao Vasco que não tínhamos medo. Mas tínhamos.

Aos fins de semana os pais também se juntavam nas Quintas dos amigos alternadamente. Faziam almoçaradas, jogavam ténis, etc. Lembro-me que o Pai tinha uma raquete pesadíssima e que a Mãe jogava em bicos dos pés, o que nos fazia a maior confusão. Por vezes faziam o tiro aos pratos, ficando a máquina ao pé da estufa cá em cima, os atiradores em baixo junto à vinha velha e nós, os miúdos, apanhávamos os pratos não partidos. Recebíamos por cada prato qualquer coisa como 2 tostões.

Num dia em que chovera, o Vico Nigra foi quem apanhou mais pratos mas ficou todo enlameado. Bem instruído pelo Vasco veio ter à sala, onde estavam as senhoras e diz: - Mamai (era italiano) estou todo cagado!

Um dia de Verão apareceu na praia um vulto magro envolto num balandrau branco e com uma bengala a molhar as pernas até ao joelho. Para nós era algo de extraordinário.

Quem seria? Era o Arquiduque da Áustria Hungria que fugira da sua terra com a mulher e os filhos e que passara fome para alimentar melhor a família. As pequenas ondas da borda da praia ajudaram-no a revigorar as debilitadas pernas. Era uma família muito simples e simpática. O conde de Ribadave emprestou-lhes a casa da quinta que era muito perto da nossa. A família passou a ir à Missa lá na quinta e como o Arquiduque sabia muito de música, passou a ser o organista. Um dia desequilibrou-se e caiu. Todos olhamos para trás e como o órgão estava no coro só víamos umas pernas muito finas a agitarem-se no ar. A vontade de rir foi a maior e só o duplamente imperativo olhar da Mãe - digo duplo - porque foi em plena Missa e o senhor podia ter-se magoado a sério, é que evitou um ataque geral de riso.

Na capela realizaram-se uma série de actos solenes. O primeiro foi as Bodas de Ouro do Avô Rui e da Avó Elvira. Lembro-me da festa das Bodas de Prata do Pai e da Mãe. Houve um Tedeum celebrado pelo Sr. Cardial Patriarca que o Pai foi receber à porta com candelabros - assim devia ser recebido um príncipe da Igreja. Na Capela, muitos fizemos a primeira Comunhão, muitos foram baptizados, muitos casaram! De nós irmãos casaram a Luisa, a Isabel, a Maria Elvira, a Lélinha, o Bernardo, a Maria João, a Maria Inez, o João Manuel e o Lourenço. Também casaram várias primas como a Maria do Carmo, a Manuela do tio Zé Linhas e a Luisa Gaivão.



O casamento da Marichen e do João

O DA GRANDE FAMÍLIA D'OREY...

por Maria Inês de Albuquerque d'Orey



A Inês e a Mãe...

Da grande família d'Orey cujos membros se ligam não só pelo nome e por uma origem genética comum ainda muito próxima, mas também pelo estatuto social que, iniciado pelos fundadores, se foi fazendo e conquistando, não se pode dizer que haja uma cultura comum até porque os d'Orey's da 1ª geração trilharam caminhos muito diferenciados no espaço, nas opções e empreendimentos profissionais e também nos grupos sociais a que se associaram. No entanto, ao nível da 2ª geração, pelo facto de se terem constituído famílias numerosas (Rui, Vasco, Valdemar, Nuno...) ou pela associação de várias famílias num mesmo território como no Barracão, já podemos falar de culturas próprias semelhantes às que emergem dos "clans" e que ligam os seus membros por um forte sentimento de pertença. Isto acontece porque estas famílias se desenvolveram num território demarcado, muito partilhado e apropriado por todos, com uma forte liderança ao nível dos princípios e valores mas também dos hábitos e regras de convívio, onde as histórias de vida de cada um se entrelaçam e tecem uma tapeçaria comum em que o todo é maior e diferente do que a soma das partes e, ao mesmo tempo, é também menor do que a individualidade de cada uma delas, mas onde todos e cada um se reconhece.

Foi assim connosco, família do Vasco e da Manuela, que se criou uma cultura de "clan", ainda por cima reforçada pela duplicação da herança original. A quinta em Sassoeiros foi o território onde nascemos, crescemos e nos multiplicamos, e onde as nossas estórias têm tanto de comum que dispensam interpretes quando, com uma palavra apenas, largamos todos a rir ou suspiramos de aflição e desgosto, o que faz ficarem perplexos cunhados, amigos ou espectadores desprevenidos.

Uma cultura tem tanto de sério como de histórias que só têm graça e sentido para os que as viveram na realidade ou delas ouviram falar tantas vezes que as lembram como suas.

Poderia falar de momentos fortes da nossa vida familiar como os Natais, os anos do pai (mais marcantes do que os da mãe por culpa dela), os casamentos, as primeiras comunhões, as Páscoas, mas deixo isto para os veneráveis da família que melhor que ninguém expressa o sentimento que nos une nessas ocasiões. Vou contar alguns episódios cómicos ou trágico-cómicos de que me lembro e que podem animar as hostes.

Acidentes familiares: às refeições, almoços e jantares, juntavam-se sempre, pelo menos, 25 membros do "clan". A conversa animava-se e entrecru-



Manuela e os seus trabalhos manuais
zavam-se anedotas, relatos da vida diária e assuntos sérios numa miscelânea que só peritos experimentados conseguiam acompanhar. Certo dia, o Diogo, noivo recente da Lélinha, sentava-se à direita da mãe como mandava o protocolo. O Zé, nessa altura o mais velho em casa, estava à esquerda. A mãe distribuía as atenções entre as serviçais e as conversas, dando opiniões ou argumentando com lucidez quando o assunto era mais sério ou ainda lançando aqueles olhares fulminantes que punham todos em sentido quando algum de nós estava menos correctamente à mesa. O Zé, conhecedor dos seus pontos fracos, entre os quais se contava uma total intolerância a que lhe mexessem no pescoço, cruzando o braço por detrás dela fez-lhe cócegas do lado direito do pescoço. Reacção imediata e fulgurante: um estalo na cara do Diogo que ficou no mais completo estado de perplexidade. Sem perceber nada, não sabia que fazer. Encararam-se...seguiram-se momentos de grande ansiedade. A mãe porque não sabia como explicar a agressão, o Diogo porque não a entendia...ao mesmo tempo risota do pessoal que achou o máximo a ideia do Zé.

A missa e outros acontecimentos religiosos.

A missa dominical na capela da quinta deu azo a várias histórias. Inicialmente era às 9,30 mas o desas-

sossego e as reclamações foram de tal ordem que os pais resolveram mudá-la para o meio dia. Mesmo assim, as farras do “Saturday night fever” tinham como consequência uma enorme dificuldade para o pessoal acordar a tempo o que irritava de sobremaneira a mãe que, um quarto de hora antes, percorria os quartos anunciando com voz solene e gélida “vou para a capela”!!! ao que reagíamos com dificuldade mas com a possível prontidão. Por vezes, no entanto, algumas ensonadas (eram mais elas que eles) fiavam mais um pedacinho no fofo e quando faltavam 5 minutos para as 12h o Vasco Belmonte filho (zeloso menino de coro ajudante do Padre Pereira Gomes) corria pelos quartos gritando numa aflição “a avó manda dizer que o Padre Pereira “Couves” já está cumprimentado”. Aí era uma correria para pentear, lavar os dentes, arregaçar a camisa de noite ou as calças do pijama, vestir o casacão para tapar as misérias e compor uma expressão piedosa e compenetrada para assistir à cerimónia religiosa onde, invariavelmente, a mãe lançava olhares reprovadores acompanhados de um encolher de ombros resignado.

Um dia o Vasco Manuel irrompeu quinta a dentro com o Father Broom (companheiro de copos e farras castiças) e sem aviso prévio, jantou e partiu deixando o padre à conversa muito calmamente na sala. Era



ja noite alta e a mãe, suspeitando que o reverendo se preparava para pernoitar, mandou o Salvador espreitar uma sacola que ele tinha trazido. Obviamente lá estava o pijama e outros acessórios de “toilete” matinal. Como a casa estava cheia porque era Verão, a mãe mandou a Elvirita evacuar o quarto onde estava instalada (ainda hoje não sabemos onde dormiu) e meteu lá o Father Broom. Seguiu-se uma ligeira inundação na casa de banho pois o padre não dominava os truques de uma antiga torneira que teimava em não fechar sempre que a abriam e, ao pequeno almoço, a tal risota descontrolada minha e do João Manuel perante a algarviada do padre que falava animadamente com a Maria francesa (criada de mesa) convencido que ela percebia o que ele lhe dizia.

Gargalhadas descontroladas: no mês de Maio, pelas 6 da tarde, a mãe dava o sinal de partida para uma cerimónia na capela da quinta, a que o Adolfo chamava “telenovela” e que consistia numa leitura piedosa dum qualquer livro de orações, seguida de um exemplo de vida. A família lá ia (que remédio, ordens da patroa não se discutiam) meio a gozar meio compenetrada participar nessa cerimónia à qual se juntava o povo de Sassoeiros (sobretudo o mulhério) convocado pelo sino que a Aíte pontualmente tocava.

No dia dos anos da Lélinha, grande jantar com toda a familória, à hora certa todos partiram para a capela. A mãe no banco da frente lia pausadamente o texto. No coro, amontoavam-se irmãos, sobrinhos, os cunhados e cunhadas e o pai que levava todas as iniciativas piedosas muito à séria. Eis senão quando, o dito exemplo era tão trágico que a mãe, já um pouco complexada com o nosso comportamento, teve um ataque de riso irreprimível e, para não dar escândalo ao povo, fingiu que estava comovida entrecortando a leitura para dominar o riso parecendo que estava a soluçar. Eis que todo o povo se associou à emoção e começou a fungar o que aumentou o riso descontrolado da mãe e o dramatismo da história. O pai, cá atrás no coro, espantadíssimo com tamanha emoção, mas ao mesmo tempo duvidoso de que fosse mesmo a sério o choro convulsivo da mãe (tal era a semelhança) franzia o sobrolho, o que só aumentava o gozo de todos nós e, só sossegou quando ela saiu lavada em lágrimas de riso e explicou o sucedido.

Era frequente haver em casa jantares de muita cerimónia em que o pai convidava os sócios estrangeiros (gente muito rica pois eram armadores e ...sei lá mais o quê). O Alcindo (criado de mesa) vestia a sua farda azul de cerimónia (diga-se de passagem que era feita

de um tecido inglês rijo e picante dos reposteiros da entrada da quinta) e servia imponente os convidados. Esses jantares eram precedidos de avisos sérios da mãe pois eu, normalmente arranjava sempre pretextos para destabilizar a cerimónia. Eis que o Alcindo investe com uma travessa de prata onde patos recheados se alinhavam de pernas para o ar, aconchegados de enfeites vegetais. Só que uma das guitas que previamente tinham impedido o recheio de escapar do peito dum pato, caía pendente da travessa. Ao passar por perto da mãe, esta deitou a mão à guita arrastando o pato, o Alcindo e a travessa, tudo ao mesmo tempo. Não fora a perícia experimentada do criado que por artes mágicas conseguiu equilibrar o cozinhado, acabaria o jantar em fiasco. Já se imagina o que foi o meu riso descontrolado que se pegou à Nucha sob os olhares fulminantes da mãe.

A mãe e o pai tinham assento próprio na sala. Quando estavam presentes ninguém se atrevia a ocupá-los. Uma tarde, estava a mãe sentada na sua cadeira e nós todas (filhas mais novas e sobrinhas mais velhas) na sala na boa da conversa com uma de nós (já não me lembra quem) sentada na cadeira do pai que se situava à frente da da mãe. Eis senão quando, o elástico da cinta da mãe que prendia o fecho das meias, de tão esticado arrancou o botão da cinta e lançou-o, qual fisga certa à testa da pobre ficando no mesmo a marca do botão na testa da desgraçada que, não percebendo quem, nem o quê a tinha atingido, olhava furibunda para todas nós que riamos “à carcajada limpia” enquanto a mãe continuava impassível a fazer as suas paciências.

O riso descontrolado produzia invariavelmente a irritação ou do pai ou da mãe quando não entendiam o motivo ou o achavam incapaz de provocar tanto impacto no nosso humor. Normalmente quando mais se irritavam mais o riso se descontrolava. Era frequentes termos ataques de riso provocados por trivialidades sem graça nenhuma. O facto de estarmos juntos com uma pitada de sentido crítico e capacidade de observar e descrever situações ou comportamentos mais insólitos era o bastante. Aconteceu em Fátima durante um almoço num convento/estalagem em que o João Manuel contaminou uma sala de jantar inteira (as freiras inclusive) com as suas gargalhadas entremeadas de espirros alérgicos, por causa da semelhança dum peregrina com uma personagem de desenho animado, com grande irritação do pai que, com toda a razão, não entendia qual era a graça.

O PORTÃO DA QUINTA

por Mafalda Maria d'Orey Cabral Câmara



O Portão da Quinta era enorme.

Pelo menos era assim que nós, do nosso tamanho de crianças, o víamos.

E era também uma espécie de fronteira entre nós e os outros.

Amarrado numa corrente de ferro suficientemente comprida para chegar quase, quase à pequena porta que se abria no meio do portão e por onde as pessoas passavam, estava o Tigre, um enorme serra da estrela preto que até a nós, os do lado de cá do portão a quem era suposto proteger, metia um certo medo. Cada vez que o portão se abria, por mais adormecido que nós julgássemos que estava, ele arrancava de repente, acordado sabe-se lá por que magia e desatava a ladrar, um ladrar tão forte que ninguém se atrevia ultrapassar a barreira que ele significava a não ser que nós o agarrássemos.

Lembro-me de uma incauta senhora, amiga da minha avó, vestida com um casacão aos godés encarnado que, sem saber da existência do Tigre, avançou destemidamente sem a menor precaução. Nós parámos de brincar, tanto porque não a conhecíamos como porque percebemos que o Tigre ia atacar, furioso com a intrusão daquela estranha.

Sem um aviso que a pudesse prevenir do perigo que a espreitava, o cão levantou-se silenciosamente e nem a corrente que o prendia emitiu qualquer som. Apanhada de surpresa, a senhora só teve tempo de dar um pequeno salto para o lado – pequeno porque ela devia ter mais ou menos a idade da minha avó que era já de uma certa idade - deixando esvoaçar o casaco atrás de si. Foi exactamente esse casaco encarnado que ousava invadir os seus domínios sem se fazer acompanhar por um salvo conduto representado por alguém que lhe indicasse que era da casa, que era mais um amigo, que o Tigre, abrindo a enorme goela, abocanhou, ficando com um enorme bocado



Alguns Figueiredo e alguns Portugal com a Tia Cecília

de tecido encarnado na boca. O forro do casaco era de um branco leitoso e eu lembro-me de ter pensado que não fazia sentido um casaco encarnado ter um forro assim tão branco.

Claro que a minha avó teve que pagar um casaco novo à desfalecida senhora, o Sr. Manuel, farmacêutico de Carcavelos foi chamado à pressa para lhe receitar uns sais que a reanimassem e nós apanhámos por não termos feito nada para impedir a desgraça. Do lado de dentro do enorme portão verde, estávamos nós os (ainda) sete, mais os sete primos da Tia Bebé, cujas idades correspondiam às nossas. Aos domingos vinham os sete primos do Tio Guilherme, os dez primos da Tia Lecas e no Natal vinham os outros todos e como éramos muitos, tinham que se abrir os salões, fechados para os dias comuns.

Do lado de fora, estavam os garotos da rua que podiam brincar descalços e nós morriamos de inveja desta liberdade simbolizada pela falta de sapatos. As nossas criadas, uns cães de fila que nós adorávamos, encarregavam-se de nos obrigar a calçarmo-nos, mocassins para o colégio, sapatos abotinados de carneira para as férias e fins de semana normais e para dias de festa, sapatos de verniz abotoados ao lado com um botão que nos magoavam se nos sentávamos no chão de pernas cruzadas.

A partir da idade em que já conseguíamos atravessar o

R

largo de Sassoeiros sem perigo de sermos atropelados por um dos raros carros que por lá passavam, podíamos ir comprar pastilhas elásticas e chupa-chupas à mercearia com as nossas semanadas que duravam mais ou menos dia e meio.

Os primos da Tia Bebé eram possuidores de Portugal no apelido enquanto nós tínhamos Figueiredo. Do lado de fora do portão havia um largo e duas mercearias: a do Sr. Portugal e a do Sr. Figueiredo. A do Sr. Portugal era francamente melhor do que a do Sr. Figueiredo, mais moderna, com muito mais cores e produtos que iam desde as vassouras penduradas no tecto até às pastilhas elásticas «bazooka», que custavam cinco tostões. Além disso tinha duas portas e às vezes ele deixava-nos passar por dentro dum lado para o outro para nos maravilharmos com aquelas coisas que, por evidente falta de espaço, não podiam estar bem à vista..

A do Sr. Figueiredo, que só tinha uma porta, não tinha a variedade de cores que a outra apresentava. Era uma mercearia triste, acastanhada onde só havia meia dúzia de artigos (parecia-me que mesmo a farinha tinha a mesma cor parda do ambiente em geral). Durante anos, nós os Figueiredo sofremos, diminuídos com a comparação que inevitavelmente todos fazíamos entre as duas mercearias que simbolizavam as nossas cores.

Até que um dia, mais cedo do que seria de esperar, descobrimos os cigarros. E o senhor Portugal não os vendia. Em toda a aldeia, só o senhor Figueiredo e a taberna onde estávamos proibidos de entrar, tinham os «definitivos» que nós começámos a fumar às escondidas...



Na 1ª Comunhão da Ziza, o autor à direita. Os tios Lourenço e João Manuel à esquerda com várias sobrinhas.

A QUINTA DAS ENCONTAS

por Carlos Alberto Lopes de Albuquerque d'Orey

Há sítios com Alma. Uma casa, uma quinta, uma propriedade, um barracão, um simples curral de cabras ou um pombal, aquela rocha na mata, são lugares que podem ter Alma.

Depende de quem os construiu, quem neles viveu, quem os amou. Essa pessoa criou não só o lugar, mas também o Espírito do lugar.

E todos os que depois desfrutaram desse lugar, e que amaram o seu criador, não podem deixar de ser afectados pelo Espírito do lugar.

A Quinta das Encostas tem Alma.

O seu criador foi o Avô Vasco.

Sempre gostei de me informar de tudo quanto diz respeito a histórias da Família.

A formação da Quinta foi antes do meu nascimento, mas fiz muitas perguntas ao meu Pai e aos tios mais velhos sobre as suas várias fazes, e captei todas as respostas.

É uma época sobre a qual são com certeza os mais velhos quem melhor podem falar. Mas eu vou contar o que me lembro de ouvir, desculpando-me desde já das incorrecções que possa cometer.

Inicialmente existiam duas Quintas: a de São Miguel e a Quinta da Costa. O Avô Vasco comprou as duas e foi a partir daí que o conjunto se passou a chamar de Quinta de São Miguel das Encostas, embora toda a gente a ela se referisse apenas como Quinta das Encostas. Mas não se ficou por aí. Foi comprando terrenos anexos, penso que cerca de dezoito a outros tantos proprietários, e no fim, tudo junto passou a somar 42 hectares. A entrada da Quinta era no largo de Sassoeiros, que mais tarde se passou a chamar largo Vasco d'Orey, e as terras iam até São Domingos de

Rana.

Enquanto decorriam as obras na casa da Quinta das Encostas, foi em São Domingos de Rana que os Avós viveram, na Quinta dos Gafanhotos, que pertencia a um amigo do Avô. E foi aí que, a 31 de Agosto de 1922, nasceu o meu Pai.

Nos meus primeiros anos de vida os meus Pais viveram em Viana do Castelo. Vínhamos a Lisboa uma ou duas vezes por ano, Natal e Páscoa. Sei que íamos à Quinta, mas desse tempo tenho obviamente recordações muito vagas.

Foi em 1952, no ano em que eu fiz 6 anos, que viemos para Lisboa definitivamente, e foi a partir dessa altura que começo a ter lembranças mais precisas da Quinta das Encostas.



Os Avós viviam então na casa da Avó Luiza, na rua Vicente Borga, e nós vivemos aí quase um ano, tempo para o meu Pai arrendar e arranjar a casa da rua Castilho, onde depois passámos a viver.

A partir de então passámos a ir com frequência à Quinta, fins-de-semana, férias de Verão, Páscoa .

O Natal era passado normalmente em Lisboa, primeiro na casa da Avó Luiza, e passados uns anos, depois da morte da avó Elvira, na casa da rua do Sacramento à Lapa, onde os Avós passaram a viver depois do Avô Vasco lá fazer obras.

Mas depois da morte do Avô e vendida esta casa, a Avó Manuela foi viver para a Quinta das Encostas, e o Natal passou também a fazer-se lá.

Quando lá dormia, era no quarto do João Manuel e do Lourenço, logo ao lado do quarto dos Avós, janela a dar para a patinagem. Eu dormia na cama da cangocha. Era uma cama articulada que, quando não era utilizada se dobrava para ocupar menos espaço, junto à janela. O que acontecia era que, quando se armava para alguém lá dormir, ela por vezes a meio da noite, soltando-se as peças que a mantinham direita, a força das molas faziam-na dobrar-se ao meio atirando pelo ar quem em cima dela estivesse. Era uma verdadeira cangocha. E quem lá estava era o Carlos Rolo, o Luís Botelho ou eu. Claro que havia grande algazarra e gargalhadas, que depressa tínhamos de reprimir para não acordar os Avós no quarto ao lado. A cama de novo armada, lá voltávamos a dormir.

Episódio também habitual das noites na Quinta das Encostas eram as cenas de almofadadas a matar melgas nas paredes e no tecto. Fosse Inverno ou Verão dormíamos sempre de janela aberta, e as melgas eram implacáveis. Nunca ouvi os outros tios ou primos que dormiam nos outros quartos a queixarem-se dos ataques desta fauna. Por qualquer razão desconhecida, era neste quarto que elas mais investiam. Como tudo o mais na quinta, também as melgas deviam ser especiais, pois as suas picadelas doíam mais que beliscões de alicate, e a única defesa que nos restava era esmagá-las contra a parede e tecto com as almofadas, que na manhã seguinte estavam repletas de pintas encarnadas.

Não consigo visualizar a Quinta das Encostas sem me lembrar da Pitorra (Hermínia), sempre de um lado para o outro a atender às chamadas da Avó. Da Tança (Constança), cozinheira de excelência que fazia os melhores caracóis e ovos estrelados que alguma vez comi. E as gemadas, melhor do que ela ninguém as

batia. A Aíte, com aquele ar grave, sempre em vigilância constante.

Ex Libris da Quinta das Encostas era o terraço. Só quem lá esteve sabe que não há noutro lado, terraço com aquele carisma. Só quando fazia realmente muito frio não era lá que toda a gente se reunia.

Estou a ver o Avô sentado numa cadeira de braços, as mãos naquela postura tão sua, com os dedos entrelaçados.

A Avó Manuela a jogar canasta com as tias ou sozinha numa mesa a fazer paciências.

E quão doce é a lembrança de ver a Avó a dar à manivela da máquina de fazer manteiga. O leite vinha directamente da vacaria, a manteiga era quase branca com gotas de água à superfície. O colesterol, as gorduras poli saturadas, não tinham ainda sido inventadas.

A manteiga era estendida às postas, os buracos do pão todos bem tapados, ninguém nos dizia que era demais, e nunca ninguém ficou doente por exagerar na manteiga, ou por causa dos petiscos da Tança.

Por vezes havia no terraço várias mesas de jogo.

Tias, tios e amigos jogavam cartas ou majongue. Óh Carlinhos, dizia-me a tia Luiza, vá ali à taberna comprar-me um maço de VIC. Era a única pessoa que vi a fumar essa marca. Outra pessoa que só ele fumava uma marca diferente era o Tio Adolfo: “20-20-20”. O tio Diogo tinha a sua boquilha sempre presente, e o tio Vasco d’Ota (Belmone), o seu cachimbo.

Quando acabavam e iam para a sala, ou almoçar ou jantar, íamos nós às escondidas recolher as beatas dos cinzeiros para as desmanchar e fazer cigarros enrolados em mortalhas.

Era sempre do terraço que alguém tocava o sino que chamava todos para almoçar ou jantar. Ouvia-se em toda a quinta e, claro que ninguém se atrasava.

Acampar era uma actividade que sempre nos entusiasmava e preparávamos com antecedência.

Ia-se buscar a tenda, as mantas, as peles de carneiro curtidas para o chão, panelas e cantis como se fôssemos para uma expedição longínqua.

Ao princípio não íamos mais longe do que o Campo do Zé Pequeno, por baixo do Ténis.

Depois, fomo-nos afastando cada vez mais até que já armávamos a tenda na Mata.

O Tico e o Eduardo Bobone fizeram algumas vezes parte do grupo. Um dia meti banha de porco no cantil do Eduardo. Fartou-se de vomitar, diarreia foi que nem pintura à pistola, mas no fim todos nos rimos.

Um dia alguém se lembrou de pôr à prova a bravura



de cada um. Tinha cada um de ir sozinho, numa noite sem lua, fazer um determinado percurso pela quinta, e como prova de que tínhamos passado pelos sítios previstos, tínhamos de trazer um raminho, uma folha, um pedaço de qualquer coisa que só houvesse naquele lugar. A primeira vez que eu fui posto à prova teria uns 8 anos. Mas venci o cagaço. Aliás, todos o vencemos.

O Biscoito e a Bolacha eram o casal de pastores alemães que imperavam. A casota deles era no pátio que ficava atrás do palheiro. Quando os soltávamos percorriam a quinta atrás de nós em permanente correria. Não respondiam a assobios como os seus vulgares congêneres, mas apenas àquele chamamento muito especial que o Lourenço inventou. Era assim uma espécie de grito à índio batendo com a mão na boca alternadamente: uau,uau,uau,uau,uau,uau.

O palheiro era um dos vários sítios na quinta onde eu gostava de ir. Havia ali uma áurea de mistério. Entrava-se pela porta ao pé das casotas dos cães e deparava-se com uma galeria muito comprida que acabava com uma porta/janela que dava para o pátio de entrada. Era por aí que era carregada e descarregada a palha. E lembrava-me sempre daquela história que eu já várias vezes ouvira contar. Os protagonistas eram o Pai e o tio Vasco Manuel. O Pai teria uns dez anos e o tio Vasco Manuel mais sete do que ele. Descarregava-se palha nesse dia, e o tio Vasco não se lembrou de mais nada do que dizer ao Pai para ir buscar um guarda chuva do Avô e mandou-o atirar-se com o mesmo, aberto à laia de pára-quedas. O que valeu é que parece que caiu em cima de palha, mas o guarda-chuva virou ao contrário. Histórias do tio Vasco Manuel são inúmeras, mas não caberiam neste espaço.

O Chico Marcelino era o caseiro. Os dois filhos mais novos, o Vasco e o Guilherme, eram da minha idade, e juntavam-se por vezes às nossas brincadeiras.

O Fernando era o vaqueiro. Conheci-o ainda na vacaria antiga, lá em cima, ao pé dos moinhos. Mais tarde o Avô construiu a vacaria nova, com todos os requisitos modernos, claro, que o Avô Vasco não era pessoa de coisas provisórias.

Ir lá de madrugada, à hora da ordenha, era das coisas que nos dava um prazer incomparável. O Fernando era mestre a ordenhar, duas tetas de cada vez, as mãos faziam alternar o esguicho saído de cada uma para dentro do balde que segurava entre os joelhos, o vapor a sair do leite. A Suzana já sabia do que es-

távamos à espera e não era preciso pedir-lhe que logo aparecia com um púcaro. Um de cada vez, púnhamos o púcaro debaixo do amujo da vaca que o Fernando estava a ordenhar, e este apontava uma teta para o púcaro e enchia-o com um precisão extraordinária. Nenhum outro leite soube alguma vez tão bem como aquele.

Aventura era também as idas à Rebelva para levar o leite ao posto. Depois da ordenha, o leite era vazado, filtrado por um pano, para umas grandes vazilhas de alumínio próprias de transporte de leite. O Fernando pegava nelas e, sem qualquer esforço, punha-as em cima da carroça à qual já o Jacob, burro para toda a obra, estava engatado. O peso de mais três ou quatro de nós em cima da carroça não parecia fazer grande diferença ao Jacob e, pegando um de nós nas rédeas, honra sempre disputada por só caber a um de cada vez, lá íamos a caminho da Rabelva. O leite medido e entregue, voltávamos para a quinta e eram muitas as vezes que o Jacob não tinha descanso e tinha de sofrer sob os nossos caprichos, corridas e quejandos. Um dia o Jomã, numa dessas corridas pela rua que descia da mata velha até ao tanque, caiu e ficou com um pé preso num estribo. O Jacob continuou a galope arrastando o Jomã pelo chão sem conseguir tirar o pé do estribo, só parou ao pé do tanque, a roupa toda esfarrapada. Mas só a roupa sofreu, que nesse tampo éramos feitos com uma tempera cujo segredo desapareceu. Sem vontade de montar mais nesse dia, levámos o burro de volta para a vacaria, e o coitado, pensando que ia ter descanso, ainda foi amarrado a uma argola e levou uma carga de chibatadas do Lourenço, como se ele tivesse culpa do acontecido. A vacaria era a menina bonita do Avô Vasco. Não havia dia que ele passasse na quinta que lá não fosse. Acompanhei-o muitas vezes no trajecto, rua das oliveiras a baixo com a sua bengala, vendo em pormenor cada árvore ou arbusto que tinha mandado plantar, cada pedra que mandou colocar. Passava-se por aquela enorme figueira já ao pé do tanque, donde iam os figos que o Avô tanto gostava de comer ao pequeno almoço. Foi com ele que eu me habituei a comer os figos com casca, que tirar a casca a figos daqueles seria profanar um manjar do céu. A seguir ao tanque voltávamos à direita e passávamos por aquele conjunto de ciprestes que eu ainda me lembro de ver a plantar, e chegava-se à vacaria. . Eu lembro-me de sentir uma enorme paz de ver o prazer que o Avô tinha a viver tudo aquilo que ele tinha construí-



QUERIDA LUÍSA

por Maria do Carmo d'Orey S. Pereira Loureiro

do.

Mais tarde, quando começou a sentir o peso da idade, comprou uma charrete e um cavalo para fazer este percurso. Lembro-me de ir com o tio Bernardo, o Jomã e o Lourenço à Malveira para comprar os arreios para atrelar o cavalo à charrete. E também nela acompanhei muitas vezes o Avô.

O Tiago, o Abílio, o Zé da Adelaide, o Joaquim jardineiro, são também pessoas que ficarão sempre ligados ao espírito da Quinta de São Miguel das Encostas. As recordações que poderia contar relacionadas com eles e com a Quinta preencheriam mais páginas do que uma Gazeta comportaria. Mas pelo que contei tenho certeza que, mesmo aqueles que pouco a conheceram, podem compreender que a Quinta das Encostas tinha de facto uma Alma.

CASAMENTO DA SOFIA

por Maria Teresa Sacadura Botte (Tim-Tim)



No dia 6 de Setembro, na Igreja de Santo António do Estoril, casou a Sofia Figueiredo Gomes da Silva, filha da Catuxa e do Carlos Gomes da Silva, neta da Gi, bisneta da tia Azul (laranja), com o Guilherme Plantier. A Sofia estava giríssima! O corpo do vestido, todo bordado, foi de um fato de noite da avó. O celebrante foi o Padre António, pároco daquele Igreja e toda a liturgia foi acompanhada por um lindo coro. Depois seguiu-se uma festa com óptimos aperitivos e um saboroso jantar na Quinta do Estibeiro em Talaíde. As decorações estavam lindas e a animação foi até às tantas da madrugada. Ainda foi servida uma magnífica ceia.

90 anos! Que privilégio, e dado por Deus àqueles que estão neste Mundo porque são precisos, marcam o tempo que vivem pelo seu exemplo, atitude e postura! Para a nossa família é referência!

Foi um dia lindo o dos seus 90... Porque até o tempo (espectacular) se juntou aos festejos! Começou de manhã com uma Missa que foi "LINDA"! À tarde passeio no Tejo com um cocktail! Que Deus continue a ajudar a nossa Luisinha. Um enorme abraço desta prima muito, muito amiga.

PARABÉNS À ÚLTIMA NETA

por Maria Teresa Sacadura Botte (Tim-Tim)

Parabéns à última neta de Luiza e Guilherme Achilles. A Luisinha fez 90 anos. Como é possível? Bonita, elegante, inteligente, simpática, culta e...sempre tão jovem! A Luísa gostaria imenso de ter reunido todos os d'Orey numa celebração do género da Batalha (Novembro de 2002), mas o mês de Agosto não é o ideal para esta reuniões, pois há muita gente em férias, mas foi linda a Missa que o Padre Joaquim Pedro Quintela rezou, num salão da residência na Parede, onde ela mora. Também foi desejo dela que um dos padres da família dissesse a Missa, e o Pedro veio da outra banda, e falou inspirado, da família, de Deus, da vida da Luísa, dos valores que ela tinha, e que tão bem transmitira aos 8 filhos. A celebração foi animada por um grupo de primos, filhos e netos da Casinha. Ao ofertório foi-lhe oferecido um ramo de flores que ela, num gesto bonito, entregou ao Pedro para ele levar para a Igreja. Todos os filhos estavam presentes, tendo dois vindo da Suíça, onde residem. Também estavam quase todos os netos. A Luísa Loureiro (laranja) distribuidora da Gazeta d'Orey foi a orquestradora de toda a festa. Parabéns à Luisinha por estes 90 anos tão "bem vividos". Deixo aqui a sugestão de se organizar um outro encontro d'Orey (simples tipo Batalha), tão desejado pela nossa Maior.

Quem se chega à frente para organizar?

